

TURISMO COMUNITÁRIO COMO SISTEMA DE DÁDIVAS NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE SOBRE A COMUNIDADE COROCA, SANTARÉM, PA

Giselle Castro de Assis*

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar relações sociais na prática do turismo comunitário pela comunidade Coroca, situada no rio Arapiuns, município de Santarém. Utilizou-se a teoria da dádiva, de Marcel Mauss (2017), para observar a hospitalidade na lógica da reciprocidade. Atribuindo valor à relação e ao simbolismo, como a hospitalidade e a reciprocidade que ela encadeia repercutem na vida social da comunidade? Nela, o turismo como dádiva alcança o significado de fato social total? O método de pesquisa utilizado foi a etnografia, e a coleta de dados foi realizada através da observação participante, diário de campo e entrevistas livres de estrutura, como é próprio de pesquisas etnográficas. A pesquisa de campo ocorreu em julho de 2019. Como resultado, destaca-se que o turismo institui relações de trocas/dádivas e reciprocidade entre os agentes sociais internos e desses com os agentes externos, originando uma ampla rede relacional, que, por sua vez, cria alianças e sociabilidades. Essa concepção lança um novo olhar sobre a dimensão social da atividade turística. Conclui-se que o turismo comunitário em Coroca constitui um ambiente social de reciprocidades que precisa, no entanto, evoluir nas suas repercussões e simetrias internas e externas para ser plenamente definido com um sistema de dádivas.

Palavras-chave: Turismo Comunitário. Dádivas. Fato Social Total. Coroca.

COMMUNITY TOURISM AS A GIFT SYSTEM IN THE AMAZON: AN ANALYSIS ABOUT THE COMMUNITY COROCA, SANTARÉM, PA

Abstract: The objective of this study was to analyze the social relations in the practice of Community tourism by the Coroca Community, located on Arapiuns river, in the municipality of Santarém. Marcel Mauss' Theory of the Gift was used to observe hospitality in the logic of reciprocity. Attributing value to relationship and symbolism, how do hospitality and reciprocity that it interlinks affect the social life of the community? In it, does tourism as a gift reach the meaning of total social fact? The ethnography research method, participating observation, field diary and unstructured interviews were used for data collection, as it is typical for ethnographic research. The field research took place in July 2019. As a result, it is highlighted that tourism institutes relationships of exchange/gifts and reciprocity between internal and external social agents, originating a wide relational network, which, in turn, creates alliances and sociability. It is concluded that community tourism in Coroca constitutes a social environment of reciprocities that needs, however, to evolve in its repercussions and internal and external symmetries to be fully defined as a system of gifts.

Keywords: Community Tourism; Gifts; Total Social Fact. Coroca.

EL TURISMO COMUNITARIO COMO SISTEMA DEL DON EN LA AMAZONIA: UN ANÁLISIS SOBRE LA COMUNIDAD COROCA, SANTARÉM, PA

Resumen: El objetivo de este estudio fue analizar las relaciones sociales en la práctica del turismo comunitario por la comunidad Coroca, situada en el río Arapiuns, municipio de Santarém. Se utilizó la teoría del don, de Marcel Mauss (2017), para observar la hospitalidad en la lógica de la reciprocidad. Atribuyendo valor a la relación y al simbolismo, ¿cómo repercute la hospitalidad y la reciprocidad que encierra en la vida social de la comunidad? En ella, ¿el turismo como regalo alcanza el significado de un hecho social total? El método de investigación utilizado fue la etnografía, y la recogida de datos se llevó a cabo mediante observación participante, diario de campo y entrevistas de estructura libre, como corresponde a la investigación etnográfica. La investigación de campo tuvo lugar en julio de 2019. Como resultado, se destaca que el turismo instituye relaciones de intercambio/don y reciprocidad entre agentes sociales internos y de estos con agentes externos, originando una amplia red relacional, que a su vez crea alianzas y sociabilidades. Esta concepción lanza una nueva mirada sobre la dimensión social de la actividad turística. Se concluye que el turismo comunitario en Coroca constituye un entorno social de reciprocidades que necesita, sin embargo, evolucionar en sus repercusiones y simetrias internas y externas para definirse plenamente como un sistema de dones.

Palabras clave: Turismo Comunitario. Regalo. Hecho social total. Coroca.

HOW TO CITE: Castro de Assis, G. Turismo comunitário como sistema de dádivas na Amazônia: uma análise sobre a comunidade Coroca, Santarém, PA. *Latin American Journal of Tourismology*, 10(No Único, Edição Regular – Seção Temática). Retrieved from <https://periodicos.ufjf.br/index.php/rlaturismologia/article/view/41656>
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14511230>



Licenciada por Creative Commons
Atribuição Não Comercial / Sem
Derivações/ 4.0 / Internacional

* Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí/SC. Graduada em Turismo pela UFPA. Professora Associada na UFPA. Leciona na graduação em Turismo na UFPA. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7463888664926737> [gassis@ufpa.br]

1 INTRODUÇÃO

O Turismo Comunitário (TC) ou Turismo de Base Comunitária (TBC) é uma proposta contra-hegemônica de gerir a atividade turística, uma vez que deve ser protagonizado pelas populações locais, em detrimento das grandes corporações financeiras que lideram a maior parte dos empreendimentos turísticos. Portanto, se caracteriza como uma forma alternativa ao turismo massivo convencional, ou seja, uma *outra* maneira de gerir e vivenciar experiências turísticas. Neste trabalho optou-se por utilizar a sigla TC nas análises que se referem a esta forma alternativa de turismo.

Essa particularidade do TC ganha maior notoriedade na Amazônia, onde há abundância de recursos naturais como atrativos turísticos, sendo explorados pelo grande capital, e uma diversidade de populações locais tentando protagonizar e operar, iniciativas turísticas (ribeirinhos, quilombolas, indígenas) em condições desfavoráveis de competitividade no mercado de viagens.

Nesse contexto, encontra-se a iniciativa turística da Comunidade Coroca, localizada na área rural do município de Santarém, no estado do Pará. Em visita exploratória realizada em janeiro de 2017, identificou-se que a comunidade possui seu próprio negócio, de forma independente e autônoma de outros dois empreendimentos existentes em seu território, de propriedade e gestão de agentes externos.

O maior destaque observado *in loco* foi o fato de Coroca não ser tutelada por nenhuma Organização Não Governamental (ONG) ou organização pública para orientar sua gestão de TC, como é comumente observado em outras comunidades tradicionais no território brasileiro. Esse contexto gerou o seguinte questionamento: *como podem ser caracterizadas as relações tecidas entre os agentes sociais internos e desses com os agentes externos à comunidade para a oferta do TC?*

Portanto, o objetivo principal da investigação foi analisar como se estruturam as relações tecidas entre os agentes sociais internos e desses com os agentes externos à comunidade para a oferta do turismo. Neste sentido, os objetivos específicos foram: 1) Identificar e caracterizar as relações tecidas entre os agentes sociais internos, e desses com os agentes externos à comunidade para a oferta do turismo; 2) Descrever como se configura a iniciativa de turismo em Coroca e interpretá-la como um sistema de dádivas, a partir da Teoria da Dádiva de Mauss (2017).

A imersão etnográfica na comunidade Coroca ocorreu durante dez dias do mês de julho de 2019. Nesse tempo foi possível conviver com uma família numerosa (11 pessoas), chefiada por um casal de lideranças. O ambiente familiar proporcionou vários aprendizados sobre a comunidade, pois eles desempenham diversas atividades econômicas: artesanato; extração do mel; agricultura; guia local de passeios turísticos; serviços de cozinheira no restaurante turístico; marcenaria; pequeno comércio na frente da casa. Os dias de convivência e observação participante permitiram acompanhar a maior parte delas, e tomar anotações no diário de campo (Malinowski, 1978) sobre as diversas estruturas sociais que elas engendram.

Essa pesquisa é relevante para o campo epistemológico do turismo ao favorecer a análise sobre as relações sociais que qualificam uma comunidade amazônica ribeirinha para gerir um negócio turístico sustentável economicamente, sem a tutela de agentes externos. Destaca-se que o empreendimento turístico na Comunidade de Coroca surgiu em 2015, e em 2019 registrava números expressivos de ganhos de capital e ganhos simbólicos para a população local. Essa condição é ainda mais admirável se considerarmos que ela está distante cerca de 4 horas de barco do principal centro urbano, e, à época dessa pesquisa, não possuía acesso à internet, portanto, ao mercado de viagens no ambiente virtual. De 2019 até os dias atuais, a comunidade já foi alvo de inúmeras matérias jornalísticas locais, regionais e nacionais, e recebeu a visita de autoridades políticas, artistas e turistas nacionais e internacionais, o que demonstra que o negócio continua sustentável.

A análise dessa investigação utilizou-se dos conceitos de: turismo comunitário proposto por Assis (2021) para relacionar os princípios caracterizadores dessa iniciativa em território amazônico; dádiva como uma teoria proposta por Mauss (2017) para compreender e interpretar as relações de trocas entre agentes endógenos e exógenos que operam o Turismo Comunitário em Coroca;

A hipótese que orientou a investigação foi a de que a oferta do turismo em território comunitário envolve relações de trocas ambivalentes entre agentes sociais internos e externos à comunidade.

Como principal resultado, destaca-se que o turismo gerido pela comunidade Coroca envolve relações múltiplas, ambivalentes, territorialmente marcadas, interdependentes entre agentes endógenos e exógenos, originando um amplo sistema relacional complexo, que promove alianças e sociabilidades, portanto, ao constituir-se como um ambiente social onde a dádiva se torna operacional, o Turismo Comunitário pode ser definido com um Sistema de Dádivas na Amazônia.

Este estudo está organizado em cinco partes: a primeira é esta introdução, que apresenta o tema, as questões de investigação, defende sua relevância, apresenta objetivos, metodologia e hipóteses; a segunda parte refere-se ao marco teórico sobre Turismo Comunitário, Teoria da Dádiva e Reciprocidade; a terceira parte apresenta a etnografia como metodologia utilizada para essa investigação, com a descrição da coleta de dados realizada em julho de 2019 na comunidade amazônica Coroca; a quarta informa a análise e discussão dos resultados e por fim, a quinta parte refere-se às considerações finais.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Turismo Comunitário (TC)

O Turismo Comunitário (TC) é compreendido por muitos estudiosos como estratégia para alívio da pobreza de grupos sociais em situação de vulnerabilidade social, ambiental e econômica (Ruiz-Ballesteros, 2017; Purbasari; Manaf, 2018; Coriolano, 2012; Moraes; Irving, 2018).

Para Coriolano (2003), isto ocorre porque o turismo em comunidades é concebido de baixo para cima, em contraposição ao turismo convencional, gerido de cima para baixo. De acordo com Coriolano (2006, p. 201), o turismo comunitário “faz contraposição ao turismo global”, e se configura como uma forma de resistência de minorias sociais mediante projetos turísticos e a megaempreendimentos hoteleiros socialmente excludentes.

Nesse contexto, o foco do TC é a base endógena (IRVING, 2009), na qual os principais agentes responsáveis pela gestão do turismo são as comunidades receptoras. Isso evoca a participação, envolvimento, protagonismo e, conseqüentemente, o empoderamento das populações locais como condições para o surgimento, fortalecimento e manutenção de iniciativas de TC (Coriolano, 2003; Okasaki, 2008; Irving, 2009; Fortunato; Silva, 2013; Ruiz-Ballesteros, 2017).

As populações locais e seus modos de vida constituem o principal atrativo de iniciativas de TC. Maldonado (2009, p. 30) ressalta que a dimensão antropológica é um diferencial do Turismo Comunitário, pois essa prática estimula o contato entre humanos e, em sua perspectiva, encontros interculturais de qualidade, haja vista a possibilidade de aprender outros modos de vida. Outra característica do TC é a gestão sustentável dos recursos naturais e culturais do território que, na concepção de Ruiz-Ballesteros (2017), devem possuir o mesmo grau de importância nos compromissos assumidos pela comunidade.

Luiz-Ballesteros e Cáceres-Feria (2016, p. 514) consideram que o TC requer a participação local direta (ação coletiva) na gestão e benefícios do turismo, por isso, apontam o “nível de envolvimento local” como condição fundamental para classificar destinos de TC.

Assis (2021) defende que o elemento central para reconhecer iniciativas de TC é a autonomia da população local na gestão do turismo em seu território, ou seja, a autogestão turística. Para a autora, a autonomia de uma comunidade está organizada por relações de reciprocidade entre seus integrantes. Desse modo, Assis (2021) explica que uma comunidade que pauta suas ações coletivas em valores como confiança, solidariedade, participação, cooperação, equidade na partilha dos benefícios, tem um capital social forte que a qualifica como um grupo social emancipado da tutela, dominação e dependência de agentes externos, portanto, livre para ser protagonista do turismo local.

A reciprocidade, por representar um conjunto de regras morais que fortalecem a confiança e facilitam a cooperação na convivência social (PUTNAM, 2006), é a estrutura que está na natureza humana, como constatado por Mauss ao final de sua obra (SAUBORIN, 2011). Assim, a reciprocidade orienta o comportamento social de um indivíduo para produzir valores afetivos e éticos na interação com o outro, favorecendo o estabelecimento de alianças em múltiplos ambiente sociais, como o TC.

Pelo exposto, nessa investigação, o TC é compreendido como um modelo de gestão endógena do turismo, por meio do qual as populações locais

constroem, coletivamente, um amplo sistema relacional de dádivas, na forma de trocas múltiplas, pautado na reciprocidade e autonomia, com o objetivo de promover o desenvolvimento comunitário sustentável (Assis, 2021).

2.2 Teoria da Dádiva

Segundo Mauss (2017) a dádiva é um ato humano que envolve uma dinâmica entre dar, receber e retribuir, promovendo vínculos e alianças ambivalentes. Desse modo, o ato de dar alguma coisa, ao mesmo tempo que se apresenta como voluntário, assume o caráter obrigatório, posto que os humanos cultivam a expectativa de receber retribuição por suas ações, seja no âmbito material ou simbólico.

Portanto, Mauss (2017) entende que as trocas geram alianças entre pessoas e grupos sociais. Nessa perspectiva, o autor defende que as alianças são responsáveis pela organização de diferentes *esferas sociais* (Lanna, 2000). Sendo assim, entende-se nessa pesquisa que o turismo comunitário constitui um campo social de gestão de esferas sociais, uma vez que muitas alianças são estabelecidas entre os agentes sociais envolvidos com a atividade turística.

Martins (2005) destaca que uma das principais contribuições da Teoria da Dádiva, é a explicação sobre a superioridade do valor da relação sobre o valor das coisas nas relações de troca, evidenciando a importância do simbolismo na vida social.

Lanna (2000) defende que a ambivalência da dádiva está em sua utilidade e simbologia. Por isso, o autor evidencia três aspectos da troca: a) Estabelece reciprocidade entre as pessoas envolvidas no ato de dar e receber; b) Institui regras para a comunicação entre duas almas; c) Define valores alienáveis entre duas subjetividades que se encontram e se permitem a *oferta* de um lado, e a *aceitação* de outro.

Compreender a dádiva como um mecanismo que gera sociabilidades em rede pressupõe entendimento de que os seres humanos estão em constantes trocas de interesses, pois, o ato de dar não é um ato desinteressado. Nesse sentido, a dinâmica do dar/receber/retribuir não finda, colocando a *coisa dada* em constante circulação. Esse é o ciclo do sistema de dádivas.

Logo, pensar o turismo comunitário nesse processo e seus efeitos no lugar, ratifica sua condição de fenômeno social complexo, que promove a circulação de bens intangíveis como coisa dada, na medida em que o *produto* - vendido por populações locais e adquirido por visitantes - está estruturado em sonhos, desejos, expectativas, aspirações, sentimentos que só podem ser doados, recebidos e retribuídos através das relações humanas.

Quadro 1 - Síntese dos conceitos da Teoria da Dádiva de Mauss.

Conceitos	Significado
dádiva ambivalente	ao mesmo tempo em que é interessada, também é desinteressada, voluntária e obrigatória, útil e simbólica.

sociabilidades	Campo relacional de trocas com fins políticos, econômicos, religiosos, jurídicos, diplomáticos.
coisa dada	Refere-se ao bem tangível ou intangível que é ofertado por uma pessoa e recebido por outra na interação social, portanto, o meio pelo qual se cria vínculos morais e éticos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida é de natureza aplicada, com abordagem qualitativa. O método empregado foi a etnografia.

Para Malinowski (1978, p. 28) o principal objetivo da pesquisa etnográfica de campo é “[...] delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos irrelevantes”. Assim, embora não fosse possível investigar a “cultura nativa na totalidade de seus aspectos”, como recomendado por Malinowski (1978, p. 28), seguiu-se as orientações metodológicas desse autor para coletar o que ele define por “dados concretos” nos fatos passíveis de observação.

O objeto de estudo foi a comunidade Coroca, localizada no Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Lago Grande, Santarém, oeste do Pará.

A pesquisa foi desenvolvida em julho de 2019, durante 10 dias de imersão no microcosmo de Coroca. A comunidade era formada por 17 famílias em 2019. Desse universo, apenas 2 famílias não participaram da pesquisa por motivos particulares.

A pesquisa envolveu coleta de dados primários, como entrevistas abertas, como é próprio de pesquisa etnográfica. Essa técnica de coleta objetivou compreender como ocorrem as relações sociais endógenas e a relação dos agentes endógenos com os exógenos.

Outra técnica aplicada foi a observação participante na perspectiva de Oliveira (2006).

A pesquisa em fontes secundárias, envolveu documentos e relatórios do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); da Secretaria de Turismo de Santarém; reportagens sobre a comunidade em sítios eletrônicos; registros criados pela comunidade sobre fluxo de visitação turística, entre outros.

Foram realizadas quatro entrevistas com as lideranças mais importantes da comunidade, a saber:

- ✓ Entrevistado 1 – M. N. G. P. - Artesã; guia local, cozinheira;
- ✓ Entrevistado 2 - O. S. P. - Artesão; guia local; produtor de mel;
- ✓ Entrevistado 3 – L. S.C. - Coordenadora de turismo
- ✓ Entrevistado 4 - G.B. - Presidente da associação local.

Buscou-se desenvolver nesse fazer etnográfico, a *polifonia* (Bakhtin, 2005) com os agentes locais, para melhor compreender os valores sobre os quais se baseiam as relações sociais endógenas. Os envolvidos foram informados sobre os objetivos da pesquisa, e

consentiram voluntariamente a gravação de suas falas, quando necessário, bem como a citação de seus nomes.

Todos os dados coletados foram analisados por um caminho metodológico construído pelos autores, a partir do termo “etnografia da troca”, elaborado por Marcos Lanna (2000, p. 176). Lanna defende que para conhecer as diversas formas de sociabilidade originadas pela dívida, se faz necessário compreender *como* as trocas são produzidas em diferentes *tempos* e *lugares*. Nesse contexto analítico, elaborou-se duas categorias de análise: ambientes de troca e sistema de dívidas para encaixar as diversas relações interacionais observadas no *campo* (Bourdieu, 2011) do turismo da comunidade Coroca.

Nessa pesquisa identificou-se quatro ambientes de troca que interagem entre si e, simultaneamente, trocam com os agentes externos, formando uma rede que sustenta o turismo no microcosmo comunitário.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Coroca é uma comunidade tradicional extrativista localizada na margem esquerda do rio Arapiuns. Como tal, ela coleta da natureza frutos diversos, sementes oleaginosas, palha de *curuá* e *tucumã* (para o artesanato); mel e pólen de abelhas nativas. Além disso, trabalha com plantação de feijão, mandioca, macaxeira e hortaliças.

A comunidade surgiu a partir do casal Manoel Santos e Maria Pereira na década de 1920, segundo relato do morador Vieira (*apud* Carvalho, 2011). Ele, também, esclarece que o nome Coroca era atribuído à pessoa de Manoel, e não ao lugar. Com o tempo, o lugar sem nome próprio, assumiu a referência de seu primeiro morador.

Coroca possui escola para o ensino fundamental até a 5ª série; igreja católica; barracão para as festividades comunitárias; e para o lazer, os comunitários usam um campo de futebol e uma área pavimentada em frente à igreja que funciona como praça, na qual existem brinquedos de uso coletivo para crianças.

Coroca não tem posto de saúde, mas o agente comunitário mora no lugar e faz acompanhamento das necessidades de cada família. Possui água encanada, e luz elétrica desde outubro de 2017, o que facilitou a aquisição de *freezer* para armazenamento de alimentos, especialmente na cozinha comunitária. Essa cozinha pertence à associação comunitária local. Contígua a ela, está o salão construído para servir refeição aos visitantes, chamado de restaurante comunitário, que é o principal negócio do turismo local, estruturado em 2017.

Como um fenômeno social complexo, o turismo articula relações entre diferentes agentes sociais, favorecendo a troca de dívidas ambivalentes. As dívidas econômicas são os produtos e serviços turísticos. Estes são compostos pelo patrimônio natural e/ou cultural de uma localidade receptora e mediam uma relação social de compra e venda entre agentes locais e visitantes. Compreende-se nesta pesquisa, que há a troca de dívidas no turismo quando agentes locais trocam produtos e serviços turísticos, por dinheiro

oriundo de turistas. Essa relação de dádiva que se estabelece, inicialmente, pela via econômica, dá origem, na perspectiva dos autores, a um complexo sistema social de trocas múltiplas, especialmente observado no ambiente comunitário de Coroca.

Identificou-se na pesquisa de campo, que as trocas ocorrem e conectam cinco grupos de agentes sociais: *Grupo Local Gestor do Turismo (GLGT)*, *comunidade*, *turistas*, *agentes externos* (organização não governamental, agentes intermediadores e organizações públicas) e o *mercado de viagens*, que envolve empresas de turismo, empresas de serviços, destinos turísticos e os turistas.

Essas trocas instituem alianças entre os grupos sociais acima relacionados, em ambientes distintos de trocas. Segundo Mauss (2017) as alianças são responsáveis pela organização de diferentes *esferas sociais* (LANNA, 2000), sendo assim, pode-se afirmar que o TC é um campo social de gestão de esferas sociais, uma vez que muitas alianças são estabelecidas entre os agentes sociais envolvidos com essa atividade.

Nessa condição, o TC assume a estrutura de um *fato social total* na concepção de Mauss (2017) e, por isso, deve ser analisado pelas características de suas *prestações*, ou seja, das dádivas trocadas entre os grupos sociais que o compõe.

Pelo exposto, a análise está organizada em quatro ambientes de troca, conforme apresentado no quadro 2:

Quadro 2 – Ambientes de troca criados pelo TC.

1º	GLGT	Comunidade
2º	GLGT	Turistas
3º	GLGT	Agentes externos (ONG, entidades públicas, agentes intermediadores)
4º	Turistas	Comunidade

Fonte: Elaborado por Assis, 2021.

Destaca-se que todas as relações de dádivas no ambiente comunitário são estabelecidas a partir da ação de um grupo de lideranças comunitárias responsável pela gestão local do turismo, o GLGT. Observou-se que o GLGT institui três ambientes de trocas com os seguintes agentes: comunidade, turistas e agentes externos (ONG; entidades públicas; agentes intermediários). Com cada agente externo, o grupo possui um tipo de troca. Além disso, observou-se que o turismo comunitário gera mais um ambiente de trocas independente, que envolve as dádivas trocadas entre os turistas e a comunidade.

4.1 Primeiro ambiente de troca: GLGT e comunidade

Ao ser formado em julho/2017, o GLGT foi constituído por representantes das famílias moradoras do lugar. O grupo possuía 13 (treze) *sócios* em julho/2019, assim denominados pela coordenadora do turismo (Entrevistado 3). Importante ressaltar que a maioria das 17 famílias está envolvida com o turismo, seja como sócio do GLGT, prestador de serviço a esse

grupo, ou fornecedor de insumos locais para o restaurante comunitário.

Pelo exposto, o GLGT é um grupo formado por comunitários de Coroca que se *associaram* para ordenar a prestação de serviços turísticos pela comunidade, e dessa forma, melhorar a arrecadação financeira proveniente dessa atividade. Essa organização de forma associada pode ser constatada na fala do entrevistado 3, a seguir:

A gente tem tipo uma tabela, pra ver quanto é que tem, por exemplo, se eu já ganhei mil e pouco, aí os outros 13 sócios tem que chegar ao meu nível com os mil e pouco ne, tipo 1100 aí os outros 13 vão ter que chegar 1100 junto comigo, todo mundo tem que tá junto ali, pra dividir de forma igual o trabalho e o lucro também ne (grifo nosso)¹.

Na fala da liderança se destaca a preocupação em dividir, de forma igualitária entre os sócios do GLGT, o valor arrecadado pelo restaurante comunitário, bem como o trabalho gerado por esse negócio. A tabela, a qual a entrevistada 3 se refere no início de sua fala, é um instrumento importante na gestão do GLGT, pois ela garante que o trabalho do grupo está sendo desenvolvido de modo equitativo, conforme consta nesse relato:

Quando a gente faz a reunião assim, no final da temporada ne, o que dá de dividir a gente divide ne pra todo o grupo, tem uns que estão mais atrasados a nível de trabalho, mas a gente divide igual, faz uma forma que todo mundo saia satisfeito ne [...]. Já a gente ver as pessoas que tão mais atrasadas na tabela ne, aí vai pra lá e faz o almoço, mas as vezes na baixa temporada..., eu tomei a iniciativa, porque tinha alguém que estava abaixo na tabela e tinha uns que tava mais alto, mas como na baixa temporada todo mundo necessitava, às vezes aí vinha ne, de vez em quando tava vindo pessoas, aí eu dei um jeito de montar uma escala onde todo mundo podia ganhar o seu dinheiro, mesmo ele estando na frente ou estando atrasado né [...] (grifo nosso).

Essa organização é muito importante para a sustentabilidade socioeconômica do turismo na comunidade, porque ao promover a confiança na equidade do trabalho, a gestão do GLGT fortalece a cooperação e os vínculos sociais entre os seus integrantes, o que gera, conseqüentemente, a melhoria na prestação dos serviços aos turistas. Além disso, a ordenação do trabalho do GLGT tem forte impacto na estrutura socioeconômica de Coroca, uma vez que ele passou a contratar como *prestador de serviço* as pessoas que não são sócias do grupo. Sobre essa questão a entrevistada 3 afirma que há uma diferença de valor pago por diária, para quem é sócio, e para quem não “é de dentro do grupo”:

Tem vezes que a gente pega pessoas que não é sócio, quando é esse período que dá bastante pessoas né, então a gente pega pessoas que não é de dentro do grupo né, e a gente concordou de pagar, não o que paga tipo R\$ 50,00 para quem é um sócio, mas aí a gente dá R\$ 30,00, R\$ 40,00 para pessoa que vai lá prestar serviço, é prestação

¹ L. S. C. Entrevista. *Op. Cit.*

de serviço para o grupo (C., L. S., 2019, grifo nosso).

Essa narrativa denota o surgimento de uma relação orientada pelo princípio da *mais-valia* do sistema capitalista entre o GLGT e a comunidade, pois os *não-membros* do grupo recebem menor remuneração pelo mesmo trabalho executado pelos *membros*. Por meio desse contexto também são estabelecidas relações de hierarquia e poder, pois os sócios do GLGT assumem a função de *patrão* e os prestadores de serviços a posição de *empregados*, o que provoca conflitos nas relações interpessoais, e compromete o desenvolvimento de uma comunidade.

Portanto, ao mesmo tempo que o GLGT de Coroca é dotado de poder endógeno que emana dos próprios comunitários, posicionando-se como um grupo autônomo no Sistema do Turismo Comunitário (STC) do lugar, ele assume uma postura hierárquica com a comunidade, estabelecendo uma dívida assimétrica que compromete um dos principais princípios do turismo comunitário, que é a distribuição igualitária dos benefícios entre a comunidade. O posicionamento dicotômico do GLGT, ainda, se torna mais prejudicial ao turismo local quando ele define que o grupo está fechado para a entrada de novos sócios, como informado por comunitários durante a pesquisa de campo em julho/2019.

Sendo assim, o quadro 2 mostra a relação horizontal e vertical que o GLGT estabelece com a comunidade, uma vez que ele é, simultaneamente, um grupo provedor de relações de dívidas simétricas e positivas entre os membros que o compõe e provocador de dívidas assimétricas e negativas entre a população local de Coroca.

Quadro 3 – Relações de dívidas entre o GLGT e a comunidade Coroca.

AGENTES ENVOLVIDOS NA TROCA E RELAÇÃO HIERÁRQUICA	QUAL A DÁDIVA OFERTADA; PRESTAÇÕES	CONDIÇÃO DE CADA AGENTE SOCIAL NA RELAÇÃO.
<p>COMUNIDADE → GLGT</p> <p>↓</p> <p>COMUNIDADE EM GERAL</p>	<p>ORGANIZAÇÃO SOCIETÁRIA ENVOLVENDO PARTE DA COMUNIDADE</p> <p>PAGAM DINHEIRO POR: - MÃO DE OBRA PARA SERVIÇOS GERAIS; - VISITA GUIADA A PROJETOS</p> <p>VENDE SUA MÃO DE OBRA E INSUMOS LOCAIS (ARTESANATO E MEL)</p>	<p>BENEFICIÁRIOS DIRETO DO TURISMO: - GLGT</p> <p>BENEFICIÁRIOS INDIRETOS DO TURISMO: - PRESTADORES DE SERVIÇOS E FORNECEDORES DE INSUMOS.</p>

Fonte: Elaborado por Assis (2021).

Outrossim, ao oferecer o serviço de refeição no almoço, que aumenta a permanência dos visitantes na comunidade, o GLGT tem o potencial de se tornar o maior divulgador dos insumos locais por meio da exposição de produtos no salão do restaurante, como o artesanato local e, ainda, através da inclusão de frutas regionais nas receitas gastronômicas. Essa troca, que ainda não acontece no ambiente endógeno de forma regular, poderia se tornar uma oportunidade de dívida simétrica positiva entre o GLGT e a comunidade, e dessa forma, melhorar e fortalecer a relação entre esses agentes sociais do STC de Coroca.

4.2 Segundo ambiente de troca: GLGT e turistas/visitantes

Esse é um dos ambientes onde as trocas mais importantes acontecem, pois é o primeiro contato dos turistas e visitantes com a comunidade receptora.

É importante esclarecer que, em 2019, a comunidade somente recebia visitantes de um dia. Essa informação é relevante para entender as circunstâncias do contato e, portanto, as trocas de dívidas entre quem chega e quem recebe.

Os visitantes que chegam a Coroca têm muito expectativa com o lugar, que é divulgado como a única comunidade da região que cria tartarugas da Amazônia. Portanto, eles chegam ávidos por informações sobre os diferenciais comunitários, e geralmente, estão muito atentos a tudo que recebem porque são avisados pelos guias que os levam, sobre o tempo limitado de visita. O passeio pela comunidade envolve a visita ao lago das tartarugas, o apiário de abelhas nativas e a lojinha de artesanato local.

Durante a pesquisa de campo, foi possível acompanhar a visita de um grupo de pessoas oriundas de Santarém, e outro grupo composto por turistas nacionais. Com base nessa observação, identificou-se que os condutores locais de passeios não possuem um discurso afinado sobre informações básicas da comunidade, como: localização da comunidade em território extenso e legalmente protegido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); número de famílias e pessoas residentes no território comunitário; formas de subsistência dessa comunidade tradicional; origem e significado do nome Coroca; diferenciais naturais presentes no território, como frutas regionais, flora e fauna endêmicas, inclusive com apresentação da palmeira nativa *tucumã*, que é a matéria-prima do artesanato local; rotina de criação das tartarugas da Amazônia, entre outras.

Embora as informações relacionadas acima pareçam simples e fáceis de serem repassadas aos visitantes, identificou-se que muitas delas são *esquecidas* pelos guias pela ausência de um roteiro para conduzir as visitas. Ainda que a comunidade receptora deva ter espontaneidade na troca com os visitantes e que isso possa gerar uma interação mais genuína, também é relevante atentar que essa troca é mediada pelo capital, pois a comunidade cobra R\$ 20,00 por pessoa para fazer o passeio. Assim, ao pagar por um serviço, os visitantes criam a expectativa em receber o retorno do investimento financeiro. Portanto, nesse tipo de dívida atravessada pelo capital, a comunidade deve preocupar-se em oferecer um serviço mais ordenado, e no caso, um simples roteiro ajudaria a alcançar o objetivo.

4.3 Terceiro ambiente de troca: GLGT e agentes externos

A pesquisa de campo identificou que a relação da comunidade com agentes externos está centrada em entidades públicas, como a Secretaria Municipal de Turismo de Santarém, porque especialmente no ano de 2019, inseriu a comunidade em matérias jornalísticas de blogueiros de viagens, e, com a Associação de Turismo Fluvial de Alter do Chão (ATUFA) que leva visitantes até Coroca por meio de passeios de lancha pelas

comunidades da região. Essas duas relações de dádivas são muito importantes para Coroca, porque a comunidade fica muito distante da área urbana de Santarém, o que lhe impede de ter sinal de internet para comunicação virtual com os interessados em conhecê-la.

Os integrantes da ATUFA, também conhecidos por *lancheiros* porque conduzem as lanchas de passeios pela região, são os principais intermediadores comerciais de Coroca em Alter do Chão. Isso quer dizer que são eles que viabilizam o turismo na comunidade, pois, em 2019, ela não possui meios de captar visitantes no mercado de viagens. Portanto, ao intermediar a relação com os visitantes, os *lancheiros* ofertam à Coroca, a dádiva que sustenta o turismo na comunidade, transformando-se em parceiros fundamentais para a sustentabilidade do negócio turístico local. No entanto, ainda que essa relação seja positiva para Coroca, também a coloca em posição de dependência, o que compromete sua autonomia na gestão local do turismo.

A estratégia para Coroca aumentar sua independência comercial é buscar apoio público para instalar sinal de internet na comunidade e, assim, provê-la de acesso a comunicação virtual. Em paralelo, a comunidade precisa se qualificar para estabelecer posicionamento de seu negócio no mercado de viagens.

4.4 Quarto ambiente de troca: turistas e comunidade

Essa troca envolve relativa hierarquia cultural dos turistas em relação à comunidade receptora, na medida em que eles se sentem superiores culturalmente por pertencerem a sociedades consideradas mais estruturadas urbanisticamente, tecnologicamente e politicamente, quando comparadas às comunidades ribeirinhas da Amazônia. Por outro lado, essa troca envolvendo uma suposta superioridade dos turistas, somente se efetiva de modo assimétrico porque as populações tradicionais amazônicas, também, apresentam uma suposta inferioridade cultural, justamente por considerarem seu modo de vida simples, como *atrasado*, não moderno, subalterno em relação à cultura do visitante (ASSIS, 2022).

Todavia, identificou-se que Coroca possui um fluxo de dádivas ambivalentes com os visitantes, pois elas ocorrem, simultaneamente, de modo interessado e desinteressado. A dádiva interessada envolve a oferta de serviços de passeios, alimentação e venda de produtos de artesanato, pela troca de “prestação financeira” que compense o trabalho desenvolvido pelos comunitários.

Já a dádiva desinteressada economicamente, está ancorada no interesse simbólico que permeia as trocas humanas. A comunidade amazônica, como protagonista de um modo de vida peculiar ribeirinho, já constitui por sua própria existência, uma unidade simbólica que motiva a visita, especialmente por Coroca ser a única comunidade da região que cria tartarugas de espécie endêmica. Assis (2021) identificou em pesquisa realizada com 85 turistas em Alter do Chão (local de onde parte a demanda para visitar Coroca) que, embora os turistas entrevistados tenham escolhido a variável *ter contato com a natureza amazônica* como a principal

motivação turística para visitar a região, quando questionados sobre o interesse ou pretensão de atividades no destino, a maioria das respostas referiu-se às ações ligada a cultura, como gastronomia, artesanato e interação com as populações locais, que juntas somaram 62% das respostas. Pelo exposto, é possível afirmar que a cultura ribeirinha e o seu *modus vivendis* é o principal fator de atratividade para visitar comunidades amazônicas, o que fortalece a troca simbólica entre visitantes e visitados.

A troca simbólica, aparentemente desinteressada, representa ganhos especiais para os comunitários, pois nesse contato com agentes externos no seu microcosmo, que valorizam suas produções culturais como o artesanato, ocorre o resgate da autoestima do grupo e a revalorização do sentimento de pertencer à uma comunidade no meio da floresta amazônica, geralmente invisibilizada pelas políticas públicas.

As dádivas simbólicas trocadas por fluxos turísticos são tão relevantes, que no caso de Coroca, alteraram o ciclo de comercialização do artesanato local e proporcionaram maior rentabilidade aos artesãos locais. Antes do turismo chegar, o artesanato produzido pelas famílias de Coroca já estava sendo exportado para outros estados; no entanto, a valorização dos produtos pelos turistas permitiu que as peças artesanais fossem comercializadas ali mesmo no território comunitário, proporcionando aumento de lucro por peça produzida, pois além do turista pagar mais, a venda acontece no lugar de produção, ou seja, elimina-se os custos de distribuição do produto no mercado, pelos quais o artesão também paga. Nesse caso, ocorrem trocas monetárias, mas também simbólicas em função de os turistas manifestarem aos comunitários, o valor do saber e da arte local.

Sendo assim, constata-se que, ainda que a relação de dádivas entre visitantes e população local seja atravessada por sentimentos de aparente superioridade de um lado, e inferioridade cultural de outro, as prestações envolvidas entre esses agentes sociais favorecem trocas únicas entre modos de vida singulares, que, dificilmente, seriam acessados fora do *encontro turístico*, momento que, aparentemente, visitantes e visitados se predispõem a ofertar suas culturas na mediação dialógica com o *outro*, seu semelhante.

A etnografia da troca desenvolvida nos quatro ambientes diagnosticados demonstrou que embora o GLGT seja constituído por agentes comunitários, ele não representa toda a comunidade receptora. Desse modo, as relações de dádivas que ele estabelece com os turistas, está em um patamar diferente das relações que os turistas criam com as populações locais. Essa assimetria tem repercussões na distribuição do poder e nas relações internas no lugar. Mas ambas são relevantes e constituem ambientes de trocas distintos e complementares para a oferta da experiência turística em comunidades.

Importante, também, ressaltar que, ainda que o GLGT esteja presente na maior parte dos ambientes de trocas, ele não se relaciona diretamente com o mercado, dependendo de agentes externos para a comercialização do produto Turismo Comunitário. Isso ocorre porque a comunidade ainda não está preparada

para negociar diretamente com o mercado, de forma autônoma e segura.

Essa análise de campo procurou mostrar as várias relações de troca na prática da atividade turística na comunidade Coroca, tomando operacional o conceito de dádiva de Marcel Mauss (2017), observadas em seu caráter ambivalente.

A iniciativa de turismo analisada envolve quatro ambientes de troca, nas quais circulam dádivas/prestações entre agentes internos e externos à comunidade. Identificou-se que as dádivas trocadas geram interconexões entre os ambientes, que por sua vez conectam os agentes em uma estrutura de rede social, necessária para a oferta da vivência turística em Coroca.

A observação da iniciativa de turismo na comunidade evidencia que o turismo, além de ser uma atividade econômica, possui em sua essência, uma ação de dádiva, pois, como atividade relacional entre humanos, exige o estabelecimento de trocas para se efetivar, estabelecendo vínculos morais entre quem doa e quem recebe dádivas de hospitalidade.

Assim, conclui-se que o turismo é mais uma forma de praticar a Teoria da Dádiva, de Mauss (2017). A pesquisa demonstrou que iniciativas comunitárias de turismo demandam articulação de agentes em rede, e para compreendermos como essa rede está estruturada devemos lançar um olhar acurado nos interesses sutis e camuflados que atravessam as relações entre os agentes sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa etnográfica, realizada em julho de 2019 na comunidade amazônica de Coroca, situada no rio Arapiuns, investigou relações entre agentes internos e destes com agentes externos à comunidade, estabelecidas pela prática do turismo comunitário. Na perspectiva da teoria da dádiva, a pesquisa priorizou a análise das relações e buscou entender como esses agentes se envolvem em trocas, vínculos e alianças ambivalentes, conforme concebeu Mauss (2017), ao considerar as expectativas de retribuições materiais e simbólicas, geradas pela dinâmica de dar, receber e retribuir.

Mauss, no livro *Ensaio sobre a Dádiva* (2017), evidenciou a importância do simbolismo na vida social e teorizou sobre fenômenos que repercutiam ao mesmo tempo em instituições morais, jurídicas, econômicas, familiares, estéticas e políticas, entre outras, constituindo o que ele denominou fatos sociais totais. A fim de interpretar a atividade turística como um sistema de dádivas, a pesquisa, por sua vez, procurou dimensionar qualitativamente como as práticas e as simbologias da hospitalidade e da reciprocidade, próprias do turismo comunitário, informavam e repercutiam como um todo sobre a vida comunitária de Coroca e sobre os visitantes que experimentavam essas relações.

O turismo comunitário, conforme praticado em Coroca, provoca implicações na vida social de toda a comunidade, na medida em que mobiliza os agentes locais a agirem coletivamente, para ofertar serviços à atividade turística, e assim promover o turismo em seu

território. A ação coletiva foi claramente identificada em campo ao registrar a formação de um grupo de pessoas que se autogerem para trabalhar com dois produtos diferentes: serviço de alimentação e serviço de passeio pela comunidade.

Esse contexto endógeno de Coroca, ao mesmo tempo que permite a interpretação das relações sociais de troca pela perspectiva da dádiva, favorece um outro olhar sobre a dimensão social do turismo comunitário, ao mostrar que atores locais podem se re (unir) e configurar processos coletivos singulares de ordenamento do turismo no território.

A dinâmica relacional observada em Coroca proporcionou identificar quais valores afetivos e éticos sustentam a ação coletiva dos atores locais. Ao registrar que as trocas e alianças endógenas se baseavam na participação, cooperação, solidariedade, responsabilidade socioambiental, equidade na distribuição dos recursos, etc., foi possível apreender que esse conjunto de valores formam uma norma moral fundamental para a vida social: a reciprocidade.

Assim, o caso de Coroca apresenta novos elementos para compreender o TC como fenômeno social: a reciprocidade (acima explicada), e, a autonomia, uma vez que esta é constituída por indivíduos livres de estruturas dominadoras externas, mas comprometidos com o bem comum. Condições reunidas por Coroca, especialmente por ela não ter tutela de nenhum agente externo para a promoção local do turismo.

Portanto, essa investigação promove o avanço teórico dos estudos do TC, ao oferecer uma interpretação do turismo comunitário como uma dádiva, na medida em que ele se transforma em instrumento para gerar sociabilidades e alianças em diferentes ambientes de interação social (comunidade x turistas; comunidade x intermediadores turísticos; turistas x intermediadores etc.). Tais relações são processuais e passíveis de evolução.

Coroca aprendeu a fazer a sua autogestão nesse processo, pautada na reciprocidade como estrutura social que sustenta o turismo no lugar. A permanência da autonomia no ambiente endógeno, e a conquista dela na comercialização de seus produtos com o mercado de viagens, é um horizonte importante para o turismo comunitário se efetivar como dádiva. Uma maior aproximação entre universidade e comunidade pode ser um caminho fértil para pesquisas e ações nessa direção.

Esta análise oferece às populações locais o esclarecimento de que são elas o maior diferencial quando se trata de planejar roteiros turísticos pela região do Arapiuns. Ter conhecimento desse macrocosmo do turismo é de suma relevância para que Coroca, e demais comunidades amazônicas, compreendam a função que desempenham no complexo sistema social que se forma, a partir de suas entradas no mercado de viagens turísticas.

Identificar os componentes e a dinâmica de funcionamento do macrocosmo é fundamental para definir a dinâmica de operação turística no microcosmo. No entanto, os moradores de Coroca ainda não compreendem claramente o funcionamento do ambiente turístico externo. Desse modo, o GLGT desconhece a interdependência de suas relações com os agentes

exógenos, e, por consequência, a ideia de que a comunidade não precisa ser subalterna à rede de profissionais que comercializa o turismo no mercado. Isso mostra a necessidade de se alcançar uma simetria nas relações, algo que se relaciona ao turismo como dádiva.

O acesso à informação impacta no modelo de gestão endógena do turismo atualmente implantado em Coroca. Isto porque, tudo está imbricado no sistema relacional que conecta agentes internos e externos para a oferta de experiências turísticas comunitárias no mercado de viagens.

Nesse contexto, a investigação também propõe um olhar sobre o turismo como um fenômeno complexo, que articula uma ampla rede relacional de agentes sociais, tanto no ambiente endógeno, quanto desse com o exógeno. Em Coroca essas relações existem na forma de reciprocidades que podem evoluir no sentido de gerar efeitos e benefícios mais equilibrados e conscientes entre os agentes envolvidos. Assim o turismo comunitário pode se afirmar, cada vez mais, como dádiva, em diferentes contextos socioculturais.

Finalmente é importante pontuar que, olhar acurado sobre o microcosmo comunitário possibilitou inferir que as múltiplas trocas realizadas entre os agentes sociais são ambivalentes, pois elas transitam entre o valor econômico e o valor simbólico da coisa dada. Além disso, inferiu-se também que essas múltiplas trocas podem evoluir para alcançar uma maior abrangência e repercussão interna e, então, a condição de fatos sociais totais.

Desse modo, investindo na estrutura relacional que engendra, melhorando as reciprocidades e seus efeitos, o turismo comunitário pode ser, não apenas concebido, mas também plenamente efetivado como um sistema de dádivas.

REFERÊNCIAS

- Assis, G. C. de. (2021). *Turismo Comunitário como sistema de dádivas na Amazônia: uma aliança entre reciprocidade e autonomia na gestão local do turismo em Anã e Coroca, Santarém, PA* (Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.
- Assis, G. C. de. (2022). A cultura ribeirinha como fator de atratividade para o turismo no Arapiuns/PA – uma análise sobre a colonialidade do saber amazônico. *Brazilian Journal of Development*, 8(3), 16749-16764.
- Bakhtin, M. (2005). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Bourdieu, P. (2011). É possível um ato desinteressado? In M. Correa (Trad.), *Razões práticas: sobre a teoria da ação* (11. ed.). Campinas, SP: Papirus. (Trabalho original publicado em data não informada)
- Carvalho, L. G. de (Org.). (2011). *Tessume de histórias: os trançados do Arapiuns*. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, CNFCP.
- Coriolano, L. N. (2003). *O turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza, CE: EDUECE.
- Coriolano, L. N. M. T. (2006). *O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza*. São Paulo, SP: Annablume.
- Coriolano, L. N. M. T. (2012). O turismo comunitário no contexto da globalização. In L. N. M. T. Coriolano & F. P. Vasconcelos (Orgs.), *Turismo, território e conflitos imobiliários* (pp. 11-25). Fortaleza, CE: EDUECE.
- Fortunato, R. Â., & Silva, L. S. (2013). Os conflitos em torno do turismo comunitário na Prainha do Canto Verde (CE). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 6(1), 123-138.
- Irving, M. A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In R. Bartholo, D. G. Sansolo & I. Bursztyn (Orgs.), *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras, parte I* (pp. 76-91). Rio de Janeiro, RJ: Letra e Imagem.
- Lanna, M. (2000). Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de Sociologia e Política*, 14, 173-194.
- Maldonado, C. A. (2009). O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In R. Bartholo, D. G. Sansolo & I. Bursztyn (Orgs.), *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras, parte I* (pp. 76-91). Rio de Janeiro, RJ: Letra e Imagem.
- Malinowski, B. K. (1978). *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia* (2. ed.). São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Martins, P. H. (2005). A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, 45-66.
- Mauss, M. (2017). Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In P. Neves (Trad.), *Sociologia e antropologia*. São Paulo, SP: Ubu. (Trabalho original publicado em 1925)
- Moraes, E. A., & Irving, M. A. (2018). Turismo de base comunitária: entre utopias e caminhos possíveis no contexto brasileiro. In M. A. Irving, J. Azevedo & D. A. G. Lima (Orgs.), *Turismo: ressignificando sustentabilidade* (2. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Folio Digital.
- Oliveira, R. C. (2006). *O trabalho do antropólogo* (2. ed.). Brasília, DF: Paralelo 15; São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Okazaki, E. A. (2008). Community-based tourism model: Its conception and use. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(5), 511-529.
- Purbasari, N., & Manaf, A. (2018). Comparative study on the characteristics of community-based tourism between Pentingsari and Nglangeran Tourism Village, Special Region Yogyakarta. *E3S Web of Conferences*, 31, 09007.
- Putnam, R. (2006). Capital social. Recuperado em 23 de junho de 2020, de https://observateurocde.org/news/archivestory.php/aid/924/Le_capital_social.html
- Sabourin, E. (2011). Teoria da reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento. *Sociologias*, 13(27), 24-51.
- Sahlins, M. (Data não informada, não consta referência completa no texto fornecido.)
- Ruiz-Ballesteros, E. (2017). Claves del turismo de base local. *Gazeta de Antropologia*, 33(1).
- Ruiz-Ballesteros, E., & Cáceres-Feria, R. (2016). Community-building and amenity migration in community-based tourism development: An approach from southwest Spain. *Tourism Management*, 54, 513-523. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.01.008>.

Declaração CRediT sobre autoria.

Termo	Definição	Autor
Conceitualização	Ideias; formulação ou evolução de objetivos e objetivos de investigação abrangentes	x
Metodologia	Desenvolvimento ou concepção de metodologia; criação de modelos	x

Termo	Definição	Autor
Software	Programação, desenvolvimento de software; concepção de programas de computador; implementação do código informático e algoritmos de suporte; teste dos componentes de código existentes	
Validação	Verificação, quer como parte da atividade quer separadamente, da replicação/reprodutibilidade global dos resultados/experimentações e outros resultados da investigação	
Análise formal	Aplicação de técnicas estatísticas, matemáticas, computacionais, ou outras técnicas formais para analisar ou sintetizar dados de estudo	x
Investigação	Condução do processo de investigação e investigação, realizando especificamente as experiências, ou recolha de dados/evidências	x
Recursos	Fornecimento de materiais de estudo, reagentes, materiais, pacientes, amostras de laboratório, animais, instrumentação, recursos informáticos, ou outras ferramentas de análise	x
Curadoria de dados	Atividades de gestão para anotar (produzir metadados), lapidar dados e manter dados de investigação (incluindo código de software, onde é necessário para a interpretação dos próprios dados) para utilização inicial e posterior reutilização	x
Escrita - Esboço original	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, redigindo especificamente o projeto inicial (incluindo a tradução substantiva)	x
Escrita - Revisão & Edição	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado por aqueles do grupo de investigação original, especificamente revisão crítica, comentário ou revisão - incluindo fases pré ou pós-publicação	x
Visualização	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente visualização/ apresentação de dados	x
Supervisão	Supervisão e responsabilidade de liderança no planeamento e execução da atividade de investigação, incluindo mentoria externa à equipa central	
Administração do projeto	Responsabilidade pela gestão e coordenação do planeamento e execução da atividade de investigação	
Aquisição de financiamento	Aquisição do apoio financeiro para o projeto conducente a esta publicação	

Fonte: reproduzido de Elsevier (2022, s/p), com base em Brand et al. (2015).

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 24.07.2024; Revisado / Revised / Revisado: 27.08.2024 – 08.11.2024; Aprovado / Approved / Aprobado: 23.12.2024; Publicado / Published / Publicado (online): 31.12.2024. (Ressubmissão / Resubmitted / Sometido de nuevo).

Documento revisado por pares / Peer-reviewed paper / Documento revisado por pares.